

WILLIAM JAMES, UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL

Luís Malta Louceiro

Mestre e Doutorando em *Filosofia* (PUC-SP) - Brasil

louceiro@uol.com.br

William James – In the Maelstrom of American Modernism. Robert D. Richardson. Boston & New York: Houghton Mifflin, 2006.

Robert D. Richardson, que já publicara *Henry Thoreau: a life of the mind* (1988), e *Emerson: the mind on fire* (1996), oferece-nos a possibilidade de ler, no centenário da morte deste pragmatista clássico norte-americano, sua notável biografia.

Este “mestre dos biógrafos”, como o define um dos mais importantes filósofos norte-americanos contemporâneos, John J. McDermott, divide a vida & obra de James em cinco partes como que para nos proporcionar a análise das cinco principais facetas deste autor cuja filosofia foi por ele mesmo cunhada de “filosofia de mosaico”,¹ “que enfatiza a parte, o elemento, o individual” (Haack, 30): (Parte I) *Growing Up Zigzag* (“Crescendo de modo errante”), com dezesseis subcapítulos (pp. 11-116) que descreve sua juventude sob a égide de seu pai, swedenborguiano e dono de uma das maiores fortunas da América de então, nas idas e vindas à (e da) Europa enquanto William procurava fazer valer sua sensibilidade e amor pela pintura e o pai o queria cientista. Acabou por se formar médico em Harvard, onde se tornou depois professor de Anatomia e Fisiologia (e mais tarde de Psicologia e de Filosofia).

(Parte II) *The Action of Consciousness* (“A ação da consciência”), com doze subcapítulos (pp. 117-192), em que mostra que “a racionalidade é em si mesma um sentimento ou emoção” (Richardson, 184).² Os grandes poetas aceitam isto com maior naturalidade. Fernando Pessoa (pelo heterônimo Coelho Pacheco) dirá: “aquilo que em mim sente está pensando”.

(Parte III) *The Principles of Psychology* (“Os princípios da psicologia”), com dezoito subcapítulos (pp. 193-300), que trata do período de gestação de sua primeira obra-prima – 12 anos (de 1878 a 1890) -, cuja ideia central é a de que “a consciência é um fluxo” (RICHARDSON, 234) -, que inspirou romancistas como James Joyce e Virgínia Woolf (entre outros) -, o que equivale a afirmar que “a partir de bases empíricas, a nossa vida mental não tem nada de (cartesianamente) claro e distinto.” (RICHARDSON, 235); somos todos governados pelos “senhores da vida”, como definiu seu padrinho, Ralph Waldo Emerson (1803-82) no seu revolucionário ensaio *Experience* (1844; RICHARDSON, 239): “Ilusão, temperamento, sucessão, superfície, surpresa, realidade e subjetividade”. “O Realmente Real é opaco”, para James (*à la* Merleau-Ponty), como mostra seu principal *scholar*, William J.

¹ Ver William James. Writings 1902-1910. *A World of Pure Experience*. p. 1160. Ver também Susan Haack. *Pragmatism, Old and New*, p. 30 & J. Ferrater Mora, p. 158.

² Peirce irá assinar embaixo: “[O] sentimento é exclusivamente mental” *In: Pragmatism. EP II*, 418; ou, “[A] reasonable feeling” (“[U]m sentimento razoável”) *In: The Seven Systems of Metaphysics. EP II*, 190.

Gavin.³ “[O] ‘realmente real’ não é apenas mais vasto [e] mais vago do que o que é conhecido; é mais vasto do que o conhecível. A linguagem, ou a reflexão como tal, não são capazes de compreender completamente o fluxo primordial, que continuamente se esfolia, que nunca está completamente presente, mas está [heracliteamente] sempre passando” (GAVIN, 109).

(Parte IV) *The Varieties of Religious Experience* (“As variedades da experiência religiosa”), sua segunda obra-prima, com vinte e dois subcapítulos (pp. 301-418), sobre a qual a scholar jameseana, Ellen Kappy Suckiel, disse, “[S]e James fosse conhecido por nada mais, sua importância histórica estaria assegurada por esta grande obra”.⁴ Qual a tese central desta obra baseada nas famosas *Gifford Lectures* dadas na Escócia em 1901-02? A de que “a verdadeira experiência religiosa é uma experiência pessoal, e que ‘a experiência religiosa pessoal tem sua raiz e centro em estados de consciência místicos’” (RICHARDSON, 412) e que, portanto, “a existência de estados místicos derruba a pretensão de que os estados não-místicos sejam os únicos e derradeiros ditadores do que possamos crer” (RICHARDSON, 414); e, por fim, (Parte V) *The Philosopher* (“O filósofo”), com vinte e dois subcapítulos (pp. 419-520), que trata da questão do “Empirismo Radical”. A ideia central, aqui, é a de que “a consciência não é uma entidade, mas um processo ou função” (RICHARDSON, 448). O que há são pensamentos, e “os pensamentos no concreto são feitos da mesma matéria que as coisas são” (RICHARDSON, 449).⁵ E mais ainda, “são as relações que importam, não os objetos” (tese fundamental da semiótica peirceana). Os próprios objetos seriam “buquês de relações” (RICHARDSON, 449).

Bertrand Russell – que, como muitos, não aprova as teses [utilitaristas] do Pragmatismo de viés jameseano – reconhece, no entanto, seu mérito em relação às obras *Does Consciousness Exist?* (“A consciência existe?”) e *A World of Pure Experience* (“Um mundo de experiência pura”; ambos de 1904) e Whitehead “atribuí a James ‘a inauguração de um novo estágio para a filosofia’ com estas obras (RICHARDSON, 450).

Ao fim e ao cabo, nesta obra, Robert D. Richardson oferece-nos a oportunidade de entrar nesse alucinante vórtice [o tal “maelstrom” do subtítulo da obra] que foi a vida desse *individuum* (em sentido da *haecceitas* scotusiana) “espantosamente ávido por novas experiências” (Richardson, 3) que – ao contrário de Peirce, que optou pelo “Will to Learn” (“Vontade de aprender”; portanto, pela categoria da *Terceridade*) –, optou pelo *Will to Believe* (“Vontade crer”), portanto, pela categoria da *Primeiridade*, com sua ênfase na Vagueza,⁶ na Liberdade,⁷ na ideia central de que “o meu primeiro ato de livre arbítrio será o de crer no livre arbítrio” (de herança renouvieriana após severa depressão) (RICHARDSON, 96), e na Sensibilidade [já presente no pendor para a pintura na adolescência]. Não devemos perder de vista que, como defende Peirce, “a única operação lógica que introduz uma nova ideia” advém da “abdução”, e não da *Indução* ou da *Dedução*, que são *a posteriori*,⁸ e que esta “abdução” tem seu nascedouro nesta *Primeira* categoria fenomenológica “mineirada” (“extraída da mina”, em sentido drummondiano) por Peirce.

³ William J. Gavin. *William James, 1842-1910 In: The Blackwell Guide to American Philosophy* (editado por Armen T. Marsoobian e John Ryder). Malden: Blackwell, 2004.

⁴ Ellen Kappy Suckiel. *William James In: The Blackwell Companion to Pragmatism*. Malden: Blackwell, 2009 (pp. 30-43).

⁵ Essa tese está respaldada pelo “Idealismo-objetivo” schelling-peirceano, a de que “a matéria é mente envelhecida (“effete mind”; i.e., que criou hábitos)”. Ver Peirce. *The Architecture of Theories* em *EP I*, 293.

⁶ Acentuado por seu principal scholar, William J. Garvin, nota 3, supra, pp. 101-116.

⁷ Acentuado por John J. McDermott. *William James In: Classical American Philosophy – Essential Readings and Interpretative Essays* (Editado por John J. Stuhr), New York & Oxford: Oxford University Press, 1987, pp. 93-107.

⁸ Ver *The Nature of Meaning* em *EP II*, p. 216.

O famoso romancista Henry James (1843-1916), irmão de William, definiu o artista como “alguém para quem nenhum detalhe é insignificante”. Devemos dizer, com Richardson, que o mesmo pode ser dito de William James (RICHARDSON, 235), que sempre defendeu a tese do “universo pluralista” (e de uma ciência falibilista) a partir do fato de que “nenhum ponto de vista [particular] poderá em algum momento compreender toda a cena” (RICHARDSON, 247). Recomendamos, portanto, a leitura desta biografia, por sua espantosa e enriquecedora profundidade, largura e altitude e como “fio de Ariadne” para o entendimento das obras completas de *William James* que foram reunidas e publicadas em dois volumes pela editora *The Library of America* (Nova Iorque), em 1987 (Volume 2; *Writings 1902-1910*) e 1992 (Volume 1; *Writings 1978-1899*), respectivamente.